

Propuesta de cita: CARVALHO, Maria da Conceição (2011): “Documentos esparsos e inéditos: visita ao arquivo pessoal de um intelectual hispano-brasileiro”. Comunicación presentada en las *Quintas Jornadas de Archivo y Memoria. Extraordinarios y fuera de serie: formación, conservación y gestión de archivos personales*. Madrid, 17-18 febrero. <<http://www.archivoymemoria.com>> [Consulta: 01/03/2011]

Comunicación

Documentos esparsos e inéditos: visita ao arquivo pessoal de um intelectual hispano-brasileiro

Maria da Conceição Carvalho
Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Resumen: El acervo del escritor Eduardo Frieiro (1889-1982), bajo custodia de la “Academia Mineira de Letras” en Belo Horizonte, Brasil, está constituido por un conjunto heterogéneo de documentos –manuscritos originales de libros publicados, borradores de entrevistas, recortes de periódicos, fotos, fichas de lecturas, entre otros, además de la correspondencia activa y pasiva intercambiada entre intelectuales brasileños y extranjeros– esperando ordenación sistemática. Una visita a ese archivo nos permite creer que el hombre tímido y reservado que se autodenominaba un Robinson Literario, tenía, sin embargo, conciencia de su papel dentro del sistema literario brasileño y se valía de la obsesión por archivar como condición para edificar la imagen de intelectual que deseaba mantener salvaguardada para la posteridad.

Palabras-clave: Archivo literario; Correspondencia.

Abstract: The collection of the writer Eduardo Frieiro (1889-1982), in the custody of the Academy of Arts of Minas Gerais in Belo Horizonte, Brazil, consists of a heterogeneous set of documents –the original manuscripts of published books, drafts of interviews, newspaper clippings, photos, index readings, among others, as well as active and passive correspondence exchanged with Brazilian and foreigners intellectuals– awaiting systematic organization. A visit to the archive suggests that the introvert man who called himself a Literary Robinson, was, however, aware of his role in the Brazilian literary system and used the obsession with archiving as a way to build the image of intellectual he wanted to be preserved for posterity.

Keywords: Literary archive; Correspondence.

1. Introdução

O objetivo desta comunicação é refletir sobre a atual situação do acervo pessoal do escritor Eduardo Frieiro, abrigado na Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte, Brasil, aberto, com reservas, a alguns pesquisadores, mas ainda aguardando, desde 1980, o trabalho de inventariação e de classificação. Acreditamos que a figura e a obra desse escritor, algo esquecidas pelas novas gerações de leitores e pesquisadores brasileiros merecem ser revista e relida, respectivamente e este processo inclui a organização do seu arquivo. Por classificação arquivística entendemos, como Ducrot (1998, p.151), o conjunto das operações intelectuais e

materiais que permitem organizar um fundo de arquivos de modo a facilitar ao máximo as consultas, quaisquer que sejam os pesquisadores e quaisquer que sejam as linhas de suas pesquisas, organização que se faz respeitando-se a especificidade própria desse mesmo fundo e os princípios gerais da arquivística. Além disso, a maneira particular como os arquivos privados entram nas instituições, como ressalta Ducrot, se reflete nos problemas que vão surgindo e que devem ser tratados convenientemente. É o que pretendemos tratar aqui, de maneira breve, começando pela apresentação da figura que dá nome ao Acervo Frieiro.

2. Quem foi Eduardo Frieiro?

Filho de imigrantes galegos de Pontevedra que chegaram ao Brasil na penúltima década do século XIX Eduardo Frieiro (1889-1982) escapou de seguir o destino proletário de seu pai e irmão mais velho, pedreiros de profissão, por sua constituição franzina e seu gosto precoce pela leitura. De fato, aos dez anos de idade, foi obrigado a deixar a escola fundamental e buscar algum trabalho que aumentasse a renda da família. Baixinho, magrelo, muito tímido, sempre com um livro ou uma revista nas mãos, sua mãe quis poupá-lo do trabalho duro na construção civil e conseguiu-lhe um lugar de aprendiz de tipógrafo na Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Começava ali uma vida inteira dedicada à palavra impressa, imprimindo textos, lendo, escrevendo, colecionando livros, transmitindo a seus alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras o gosto pela literatura espanhola e latino-americana, entre outros ofícios ligados à cultura escrita a que se dedicou na sua longa carreira de intelectual autodidata. Aos 91 anos de idade, adoentado e quase cego, passou à custódia da Academia Mineira de Letras, instituição à qual pertenceu como destacado membro, o seu acervo formado pela biblioteca e valioso arquivo de documentos éditos e inéditos, além da sua mesa de trabalho e das estantes de madeira com portas de vidro que guardaram, por muitas décadas, os livros, seus amigos, conforme título de um dos seus livros com maior fortuna crítica (Frieiro, *Os livros nossos amigos*, 1942).

Contudo, antes de começarmos nosso passeio pelo arquivo desse intelectual galego-brasileiro, é preciso lembrar que o arquivamento do eu responde, em primeiro lugar, a uma injunção social estendida a todo cidadão desde o final do século XVIII, a partir de quando a memória arquivística, somada à memória biológica, passou a interferir nos processos de integração e de exclusão social (Artières, 1998, p.10). As sociedades moderno-contemporâneas começam a valorizar a trajetória pessoal do indivíduo e, em consequência, cria-se uma nova e significativa relação entre esse mesmo indivíduo e seus documentos pessoais. O homem moderno, há muito descrente da promessa de eternidade implícita na tradição religiosa inventa, então, uma outra ilusão de permanência e durabilidade: a fama póstuma. Acumular testemunhos materiais do vivido organizando, ao longo de uma vida, um arquivo pessoal, é a forma de render-se ao ato (auto)biográfico, à escrita de si, ao desejo irresistível de narrar a si mesmo, de inventar/inventariar uma vida para ser lembrada.

Pensando, pois, na personalidade introvertida de Eduardo Frieiro pode-se concordar ainda com Artières quando diz que o arquivamento do eu é uma forma de resistência. De fato, em contraposição ao retrato público do escritor em foco que, fora de seu círculo mais restrito escondia-se atrás da máscara protetora da acidez e do sarcasmo, são os seus papéis acumulados em arquivo que conformam o perfil no qual ele, no fundo, se reconhece: o de pensador moralista, à maneira de Montaigne, um de seus autores favoritos. O

arquivo/biblioteca em constante construção vai narrando a sua “verdadeira” vida, vida passada a limpo no exercício cotidiano da auto-construção pela palavra. Um trecho do seu diário, página escrita em 1942, testemunha esse processo sem fim:

[...] *Gosto de remexer em papéis. Nasci papalista. Seria, por índole, um erudito, se tivesse outra preparação. Sou apenas um cisca-papéis. Mas não há passatempo melhor. [...] Mesmo quando me deixo ficar no escritório, a remexer papéis sem fim determinado, sou movido pela curiosidade de saber, estou estudando, prosseguindo nos meus estudos de autodidata persistente e afanoso. Para que, se a ignorância continua a mesma insondável, imensurável? Sei lá. Porque sim. Porque essa é a minha inclinação, o meu gosto.*(FRIEIRO, 1986, p.44).

O termo *papalista*, aposto ao nome de Frieiro, remete-nos, inevitavelmente, ao filósofo Derrida.(Derrida, 2004) quando sugere que na cultura do papel como suporte da escrita, como superfície de inscrição, ou como lugar de retenção de marcas, o homem comum sustenta sua identidade e sua vinculação social pela assinatura sobre um papel. Frieiro, sem dúvida, serve-se do papel como lugar da apropriação de si por si. É, do mesmo modo, no suporte concreto do papel que esse intelectual autodidata, a partir dos anos 1920, se posiciona diante do mundo, lutando *no* e *pelo* espaço público. Ligado visceralmente ao papel por gosto e por profissão, sofre, não obstante, do chamado *spleen* do papel. A tensão, ou a culpa, de se sentir feliz na *mansa* atividade de escritor, originário que era da *gente dura, sóbria e sofrida da Galiza*, conforme suas palavras, parece só diminuir se o seu ofício de intelectual for classificado na ordem do labor afanoso e persistente do autodidata. Isso nos faz pensar ainda que, para Frieiro, a página escrita e o livro impresso, resultado de sua atividade intelectual, parecem *fúteis*, isto é, frágeis e intangíveis, quando comparados ao trabalho *duro* do pai pedreiro, labutando para transformar a natureza e a matéria. Pode-se pensar, então, que a consciência pequeno-burguesa do escritor sofre certo desconforto ao ver-se entre o trabalho proletário e a ação intelectual, ainda que esteja seguro do seu dom natural para a erudição. Na verdade, ele nunca abandonará a preocupação e o gosto pelo livro enquanto forma, suporte material, objeto construído com as mãos. O livro enquanto *perfeita máquina de ler*, lembra ele citando Valéry, em analogia com a boa casa de Le Corbusier, máquina de morar.

Para Frieiro, profissional da palavra escrita, que nela se realiza, não parece fácil, contudo desvencilhar-se completamente do modelo paterno. Mesmo orgulhoso do seu lugar de intelectual, permanece a angústia de se sentir um homem *no papel*, distanciado do mundo tangível, desacreditado como tudo que não existe senão como *letra morta* e não chega a influir na vida prática. Dialeticamente, no exercício obsessivo da auto-análise, ele parece argumentar para si mesmo que, sim, apesar das origens, seu lugar é ali, na cidade letrada! De imigrante desterrado a escritor e intelectual, ele se sente fundador de uma nova linhagem dos Frieiro. Cabe-lhe, pois, voltar aos seus papéis, ao gosto de arquivar a própria vida, à *nobre ociosidade* mencionada por Cícero. O arquivo/biblioteca é, sempre foi, o seu *locus* de criação e de isolamento, espaço do operário da palavra onde exercita o seu eu privado e público. Lugar, enfim, onde o Robinson Literário, como se autodenomina, aguarda a glória póstuma.

3. Abrindo o Acervo Frieiro

Quase trinta anos já se passaram desde a sua morte e seu espólio documental permanece praticamente intocado na Academia Mineira de Letras, na cidade de Belo Horizonte, numa ampla sala raramente visitada.

Trata-se de um conjunto heterogêneo de documentos, de modo geral em bom estado de conservação, mas ainda sem uma organização sistemática de caráter biblioteconômico e arquivístico. Tal coleção compreende tanto a sua biblioteca de mais de 4.000 volumes construída ao longo de sua vida de leitor obsessivo e de bibliófilo, como também o seu arquivo que guarda um montante significativo de documentos originais, fontes primárias que merecem a atenção dos estudiosos da historiografia brasileira. São os manuscritos de seus livros publicados, alguns cuidadosamente encadernados; rascunhos de entrevistas, incansavelmente reescritas; originais datilografados dos artigos publicados em jornais; fichas de anotações de leituras, recortes de publicações periódicas e, especialmente, sua correspondência passiva e ativa, trocada com figuras significativas do cenário cultural de Minas, do Brasil e da América Latina durante mais de seis décadas.

Conservar seu acervo pessoal a salvo da fragmentação e à disposição de pesquisadores era um desejo de Frieiro, o que significou, também, um ganho para a cultura brasileira, já que os acervos com valor patrimonial, no Brasil e em outros países latino-americanos, nem sempre se preservam integralmente após a morte de seus proprietários. De qualquer modo, efetuar o próprio escritor a transação comercial de seu acervo literário era uma ação nada comum à época no mercado brasileiro das letras, embora compreensível no caso de Frieiro. Criado num ambiente familiar e social de imigrantes iletrados espanhóis, italianos e portugueses, que viam no trabalho duro e disciplinado a condição única para a sobrevivência e a ascensão social na nova terra, parecia a ele natural reivindicar publicamente a importância social do ofício do escritor e negociar o preço de seu trabalho intelectual! Mesmo que, por isso, tenha merecido a ironia de outros intelectuais mineiros bem-nascidos que ocupavam posições na máquina pública, acostumados com as relações de favor entre a elite socio-econômica desde quando o Brasil era colônia de Portugal. Assim, consciente da importância que a documentação que reunira durante uma vida poderia ter para a coletividade, parece coerente que seu último ato como intelectual produtivo fosse articular a salvaguarda e a disponibilização pública do seu arquivo pessoal naquele mesmo cenário ao qual pertencera, a Academia de Letras.

Pensamos que uma segunda motivação para esse gesto articula-se com o modo de Frieiro de encarar a morte. De fato, a consciência antecipada da morte e a experiência dolorosa da finitude humana são temas recorrentes na sua correspondência e no seu diário. O falar de si, a escrita do eu, assim como qualquer outro ato autobiográfico correspondem, pode-se pensar, a um exercício necrofilico em que o autor contempla a morte escancaradamente ou através de metáforas. No caso de Frieiro, o avanço da idade não impediu que ele continuasse a se dedicar ao trabalho de sempre, ler e escrever, intermediar as leituras e, como bibliógrafo, dar suporte ao trabalho de outros pesquisadores. Ao contrário, ele tira do trabalho constante a força estoica para submeter-se ao enigma da morte. De fato, para um existencialista *avant la lettre*, como ele próprio se definia, a morte reside no interior do ser humano como peculiaridade própria e definitiva de sua existência.

Sentindo, enfim, o tempo da velhice como um prefácio da morte inevitável, Frieiro diz ter deixado para trás as amarguras que lhe estragaram a mocidade, ou seja, sua timidez doentia. Embora continuasse cético, o antigo sentimento de fracasso e da própria mediocridade transferira-se, na maturidade, do plano individual para o universal. As grandes esperanças e os sonhos abortados, os muitos projetos não-realizados relatados no diário e na correspondência refletiriam, no seu entender de agora, não apenas a sua própria vida, mas a natureza mesma do ser humano. Pois, não é verdade que as vidas minúsculas, tanto quanto as de pretensa grandeza, têm o mesmo fim, acabam todas em pó?, indaga-se ele no diário. E, paradoxo ou não, a construção metódica de seu arquivo, incluindo a vasta correspondência, as cópias das cartas enviadas com acréscimos posteriores à data de emissão, reforçam a idéia de um projeto autobiográfico lançado à posteridade. É significativa a última carta que ele escreveu endereçada, em dois de fevereiro de 1978, ao ensaísta e filósofo Euryalo Cannabrava, que havia manifestado a intenção de escrever sua biografia. A poucos anos do fim, adoentado, quase cego recorre à ajuda da esposa para declarar-se, por escrito, um homem sem ilusões. Diz a carta:

Meu caro Euríalo Canabrava:

Você me diz que tenciona escrever a meu respeito, e que já pediu a colaboração do Aires [da Matta Machado] para esse trabalho. Quero muito bem ao Aires. Mas devo esclarecer que a idéia não é boa. Eu e ele somos dois tipos humanos diferentes. O Aires é um Diamantinense devoto. Crê no Padre Eterno, em Jesus Cristo e na Virgem Maria. Eu sou indevoto, não creio em nada. Ele me estima, mas julga que a minha incredulidade é esnobismo de intelectual ranheta. Deixa lá. Aos dez anos eu lia vidas de santos e queria ser santinho. Aos doze anos confessei-me com um padre ignorante. Daí em diante fui perdendo aos poucos a religião. [...] li autores heréticos que muito me seduziam. Li [...] o meu mestre de ateísmo, Félix Le Dantec, cujas obras apareciam então traduzidas no português. Peguei uma reta nessa corrente de idéias. Li os materialistas da revolução francesa, Diderot à frente e outros. Era um leitor desabusado, ávido de críticas destruidoras. Li todo o Maupassant, todo Anatole France, todo Rémy de Gourmont, os escritores da Nouvelle Revue Française, o diabo. Fui empolgado pelo anti-cristão Nietzsche. Os escritores espanhóis da geração de 98 me conquistaram. Com Azorín, estilista sem par, apurei a minha arte de escrever. Fui leitor do meu casmurro romancista dom Pío Baroja. A guerra de Franco mergulhou os espanhóis numa espécie de idade média dominada pelo clero. Fiquei só com os franceses, até Albert Camus e Jean-Paul Sarte, meus últimos oráculos. Com Sartre, terminou a minha carreira, tranquila, sem sobressaltos de indivíduo sem as ilusões dos comuns homens religiosos. [...].

Uma análise, embora ligeira, dessa carta mostra ainda uma vez que, mais forte que o desejo de ser lembrado depois da morte, transparece em Frieiro a pretensão de controlar a imagem que quer deixar de si, apoiando-se na idéia da liberdade, ou da solidão, do homem sem fé. Significativa parece, também, a correlação explícita que estabelece entre a sua trajetória de vida e os livros que leu, entre o fim de sua carreira/existência e a sua última leitura. Em outras palavras, lembrar o vivido, para Frieiro, é refazer um caminho de textos lidos e escritos. Como outros intelectuais do seu tempo, e conforme já foi dito por alguém cujo nome nos escapa, ele leu antes de ser, e foi aquilo que leu, do modo como leu. Ao recitar o repertório dos livros lidos ele está mapeando os seus espaços memorialísticos e orientando, ou, nesse caso específico, desautorizando os seus futuros biógrafos. Induz os seus leitores a pensar que a vida que ele nos conta é uma construção narrativa, e que, necessariamente, não existia um eu referencial anterior àquele relato. Faz sentido, pois, duvidar, como De Man (1984, pp.67-81), da referencialidade do eu biográfico e imaginar que, ao informar como quer ser

(d)escrito Frieiro, como outros que tentaram perpetrar uma autobiografia, está postulando uma identidade *a posteriori*. Ele constrói para si uma imagem/máscara de *homem impresso* que mostre hoje, como significativo, o que, em certa medida, foi vivido como precário e contingente. Em carta de 28 de julho de 1959 confidencia ao escritor Josué Montello:

Sou realmente o que se pode chamar “um homem impresso”, como dizia o Eça do crítico Moniz Barreto. E quase prefiro ao mundo real (exisite, acaso?) a sua sombra ... em letra de forma. (Grifo do autor).

Nesse esforço de construção identitária em que ele elabora do interior de sua biblioteca transparece a tensão (confessada também em outros momentos) que permanece nas suas relações com a alteridade. Sabendo que toda leitura é, potencialmente, espaço de recriação, ele teme ser lido (sem o seu controle) pelo outro.

Essa carta sugere, pois, uma espécie de protocolo de leitura que Frieiro estabelece em último ato a quem, no futuro, quiser se ocupar de sua memória. É, enfim, parece querer dizer, o direito que lhe cabe, como leitor que *leu sempre e desencadernadamente* (palavras suas), de reivindicar que a história de sua vida não seja mal anotada por um biógrafo estranho à sua visão de mundo.

4. As paixões de Frieiro

Três foram as paixões de Eduardo Frieiro, cujos resíduos podemos perscrutar no seu arquivo: os livros, a língua e as “coisas” de Minas. Começando pelas *coisas de Minas*, seu espírito polêmico – sangue de Hispania – gostava de dizer, determina a natureza, ou o tom dessa paixão em artigos publicados em jornais, alguns depois transformados em livros, nos quais procura desmontar mitos artísticos e históricos da cultura mineira. como os revolucionários Tiradentes e Gonzaga, e o artista barroco Aleijadinho. De fato, mesmo afirmando repetidamente não ser um historiador, no seu interesse particular pelos temas de Minas inclinou-se, desde o princípio, para uma linha crítica e revisionista baseada no estudo de fontes primárias, diferente da historiografia encomiástica que se fazia naquele momento. Seus trabalhos de cunho histórico e sociológico, um romance e vários ensaios enfocando aspectos do estado brasileiro onde nasceu e sempre viveu, mereceram o reconhecimento da crítica especializada e o interesse do grande público, conforme atestam as resenhas publicadas em jornais e revistas do país e a sua correspondência pessoal.

Em 1964, quase quatro décadas depois da publicação de seu primeiro trabalho de cunho histórico, o romance *O mameluco Boaventura*, escreve ao escritor português Mário Gonçalves Viana falando de seu interesse e entusiasmo em continuar escrevendo sobre as coisas de Minas. Um trecho da carta diz o seguinte:

[...] Suas elogiosas referências a O Diabo na livraria do Cônego encorajam-me a iniciar uma obra que por ora não passa de projeto: a história da velha capital mineira, Ouro Preto, contada no mesmo jeito daqueles ensaios, isto é, em tom de petite histoire, mas cum grano salis e certo realismo malicioso e irreverente, fora quando nada dos moldes convencionais [...].

Pode-se dizer, de fato, que tais escritos de Frieiro, fora dos moldes convencionais, como era sua vontade, antecipam, em forma e estilo, a chamada nova história ou história cultural que, como se sabe, representou uma reação contra o paradigma tradicional, pondo em discussão o que é central e o que é periférico na escrita da história. A proposta de Frieiro de recontar a história mineira *com realismo malicioso e irreverente*, já representa, em certa medida, uma transgressão à historiografia oficial, voltada para os grandes feitos e os grandes homens. Embora os personagens que lhe chamam a atenção, via de regra, pertençam à elite política e cultural mineira, o seu olhar arguto procura novas perspectivas quando se debruça sobre essas figuras.

De qualquer modo, o pesquisador que se dispuser a percorrer o Acervo Frieiro detendo-se nas cartas e outros papéis esparsos, se dará conta da relação ambivalente que o escritor manteve com o espaço onde viveu, sobre o qual escreveu trabalhos significativos, como foi dito, e de onde não quis sair, como fizeram tantos intelectuais de sua geração. Na verdade, não lhe faltaram convites para trabalhar no Rio de Janeiro, a matriz intelectual do Brasil na época onde, acreditava, sua obra teria mais visibilidade. Por exemplo, em 1946 foi convidado pela Fundação Casa de Rui Barbosa para integrar a equipe de pesquisadores que então trabalhava na grande tarefa de publicar as obras completas do jurista Rui Barbosa. E na década de 1960 recebeu outro tentador convite para assumir a direção da Biblioteca Nacional. Frieiro, contudo, vítima de uma patológica timidez, não aceitou nenhum dos convites e permaneceu, até o fim, imerso na *atmosfera sonambúlica* da província para usar, também aqui, a sua própria expressão. Como são curiosas e reveladoras, sabem os pesquisadores de arquivos pessoais, as redes de sociabilidade e os sentimentos inconfessos que se mostram nas correspondências de intelectuais!

Esquivando-se com desculpas variadas da luta concorrencial inerente à estrutura do universo literário dos grandes centros, pelo receio de não possuir tanto valor quanto exigia de si mesmo, resta-lhe permanecer na província, escolhendo a invisibilidade dos intelectuais excêntricos, isto é, fora do centro, na expressão usada por Pascale Casanova ao estudar a estrutura desigual da República das Letras (Casanova, 2002). Mas, curiosamente, como dão conta as suas trocas epistolares até os anos 1970, no/do seu refúgio mineiro Frieiro lê e escreve no ritmo de sempre e, sobretudo, continua a desempenhar com gosto e competência o papel de bibliógrafo investigativo, acompanhando e dando suporte às pesquisas de outros estudiosos nos campos da literatura, das artes e da história mineiras. Sobressaem, nestas relações epistolares o nome dos críticos Brito Broca e Otto Maria Carpeaux, do filólogo Rodrigues Lapa e do musicólogo Curt Lange. Sua correspondência ativa e passiva dando conta de sua contribuição bibliográfica para o trabalho desses historiadores da literatura e da música brasileira está a merecer novos estudos.

Sobre a paixão de Frieiro pelos livros bem a traduziu o escritor Josué Montello ao dizer que “Frieiro não mora em Belo Horizonte, mora na sua biblioteca”. Os mais de 4.000 volumes que chegaram à Academia Mineira de Letras como parte de seu espólio literário representam menos o espírito de um bibliófilo compulsivo e mais o rigor de um leitor crítico que, periodicamente, expurgava a sua coleção do que não lhe agradava mais. Assim, a sua biblioteca abriga tanto os títulos que fundamentaram o pensamento do homem letrado do seu tempo –biblioteca pessoal, biblioteca universal– quanto aqueles que revelam as suas próprias afinidades eletivas. Não é aqui, certamente, o espaço para um estudo da sua biblioteca, pesquisa que temos planejada para o futuro próximo. Assim, vamos aqui apenas folhear

algumas páginas de sua correspondência inédita deixando que ele próprio faça um inventário dos livros que leu como *leitor eficiente*, na expressão de seu mestre Montaigne. De uma carta de janeiro de 1960 a Gualter G. Maciel, escritor e jornalista que havia escrito, poucos antes, um artigo sobre Frieiro para o *Jornal de Letras*, recortamos o seguinte trecho:

[...] Está tudo muito bem dito e sumamente desvanecedor. Num ponto, porém, eu gostaria de esclarecê-lo, ou antes, de tocar em algo que podia ter sido lembrado. Não devo minha formação, nem meu estilo breve e enxuto, unicamente aos escritores espanhóis. Minhas leituras principais foram, e ainda são, de autores franceses. E os espanhóis da “geração de 98”, que tanto li e estimei, eram afrancesados, como eu. Entre os franceses sempre preferi os moralistas e os ensaístas, em especial os da linhagem de Montaigne, La Rochefoucauld, La Bruyère, Chamfort, Voltaire, Diderot ... Sou da geração dos que devoraram [Anatole] France, Remy de Gourmont, Jules Renard ... E li muito, muito, os grandes pensadores portugueses do século XIX, Garrett, Herculano, Camilo, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, e o incomparável Eça [...].

Tomando ao acaso, outra carta, escrita em 10 de dezembro de 1964 para Ruth Nielsen, uma leitora sua do Rio de Janeiro, reencontramos o seu assunto recorrente:

[...] Quase diria que os autores de minha maior predileção são os moralistas: Gracián, La Rochefoucauld (naturalmente), La Bruyère, Chamfort, Nietzsche, Machado de Assis. Nossas simpatias literárias coincidem em muitos pontos. Fui leitor de Schopenhauer, que troquei logo pelo discípulo Nietzsche, do qual fui leitor devotíssimo. Curei-me de Nietzsche como quem se cura de febre necessária. Li com gosto Renan, Flaubert e Stendhal [...].

Dessa comunidade literária universal, da qual ele procura se acercar, sobressaem seus *pendores hispanizantes*, palavras suas. Na mesma carta, já citada, a Ruth Nielsen, ele confirma: *[...] de espanhóis li uma quantidade enorme de medievais, clássicos e modernos, especialmente os da famosa “geração 98”. Li-os por gosto e por obrigação professoral. E, é claro, os hispano-americanos [...].*

Pois bem, não é possível mencionar a biblioteca de Frieiro e suas referências à literatura espanhola sem destacar a sua importante cervantina, com as diferentes edições do D. Quixote que colecionou (ai incluso o Quixote apócrifo de Avellaneda), assim como uma extensa coleção crítica sobre a obra de Cervantes.

Outro fato significativo ligado à carreira intelectual deste hispanista brasileiro, fato semi-escondido no seu arquivo de cartas, foi o convite a ele feito em 1944 pela Editora Globo, de Porto Alegre, para elaborar uma tradução brasileira do D. *Quixote* e das *Novelas Exemplos*, já que, argumenta o editor que lhe fez o convite, as traduções que circulavam no Brasil eram portuguesas. Outro convite aparentemente irrecusável! Mas não foi o que ocorreu. Os argumentos de Frieiro para negar-se a esta tarefa, em cartas trocadas com o editor, são interessantes não só para se conhecer a personalidade dessa figura curiosa de intelectual periférico, como por trazerem implícitas questões ligadas à história da cultura brasileira tais como a recepção daquela notável obra no Brasil, as barreiras do leitor brasileiro em relação às traduções portuguesas, e por fim, mas não menos central na angústia de Frieiro ao recusar empresa de tal monta, as questões inerentes à poética da tradução! Ali é interessante comparar a visão conservadora do escritor mineiro quando coloca a obra clássica original num

lugar intocável e a percepção da operação tradutora hoje como uma relação de forças menos desigual entre o tradutor e a obra a-traduzir.

De qualquer modo, não obstante os projetos abortados ou postergados, seu sentimento de pertença à cultura hispânica, incluindo a hispano-americana, foi expressa em inúmeros artigos de jornais e revistas de cultura, com destaque para o artigo *O centauro ibérico*, publicado na revista *Kriterion*, em 1955, além de dois livros de ensaio, *O Alegre Arcipreste e outros temas da literatura espanhola*, edição de 1959, e *O elmo de Mambrino*, de 1971. No caso do louvor (com reservas às *violências atrozes*) ao feito ibérico das conquistas no continente americano Frieiro tem a coragem de se posicionar na contramão dos intelectuais brasileiros da época que, influenciados pelo desenvolvimentismo anglo-saxão, consideravam o iberismo o maior entrave à modernização dos países latino-americanos. Já para o crítico Fábio Lucas, a maior contribuição de Frieiro à cultura brasileira foi, justamente, ter feito circular no Brasil, através da docência e do ensaísmo, a literatura e a cultura espanholas quase desconhecidas nos espaços letrados nacionais na primeira metade do século XX, efeito ainda do embargo promovido pela política cultural portuguesa que, historicamente, tentou excluir ou abrandar nas suas colônias a influência da Espanha.

A língua, enfim, foi a terceira das paixões de Frieiro, pensam seus biógrafos. Autodidata quase absoluto Frieiro desenvolveu a convicção cada vez mais firme de que uma língua bem escrita é uma ciência, indispensável instrumento na crítica e na expressão literária. Como já foi dito, o menino pobre e com pouco estudo começou muito cedo a trabalhar como auxiliar de tipógrafo na Imprensa Oficial onde desenvolveu o cuidado com a língua bem escrita. “Foi alinhando os tipos para a composição manual da folha a ser impressa e, depois, através da leitura solitária que se formou a impressionante cultura geral e literária de Frieiro”, resume a filóloga Angela Vaz leão. (LEÃO, 2008).

O curioso na estreia pública de Frieiro como escritor é que ele, imbuído da vontade de defender o padrão culto da língua escrita e a tradição literária que aprendera a valorizar lendo os clássicos da literatura portuguesa se dá justamente no momento de transição da literatura brasileira marcado pela iconoclastia dos escritores modernistas. Seu primeiro livro, saído em 1927, *O Clube dos Grafômanos*, é a narrativa ficcional (e autobiográfica) desse balanço de gerações sendo, segundo parece, a primeira avaliação crítica do modernismo em Belo Horizonte. De fato, neste livro que foi classificado como um romance/ensaio ouve-se em destaque, ao longo dos capítulos, a voz do personagem Bento Pires, homem letrado e de curiosidade intelectual ilimitada mas, ao mesmo tempo, cético e desencantado, que vai rebatendo com farpas incisivas os vôos artísticos dos jovens vanguardistas.

De qualquer modo, a opinião recorrente dos contemporâneos que acompanharam sua trajetória é que o escritor, em Frieiro, já nasce maduro e consciente dos riscos e desafios que envolvem a aventura da criação literária. Seu livro de 1932, *A Ilusão Literária*, teve recepção excepcional como verdadeira cartilha de estética literária.

Enquanto pôde acompanhar a reedição de seus livros, Frieiro, o estilista, nunca se contentava com a simples reprodução do texto. Fascinado pela poética da rasura emenda, suprime, acrescenta, substitui como se pode ver num estudo comparativo entre os manuscritos e as diferentes edições dos diversos títulos de sua obra. Enfim, um vasto material para o interessado em crítica genética que se aventurar pelo Acervo Frieiro.

5. Considerações Finais

Ao final desta reflexão sobre o escritor mineiro e seu arquivo pessoal, cumpre retomar, brevemente, as questões específicas da arquivística literária. Já foi dito, acertadamente, que os profissionais que se preocupam com a preservação da memória coletiva que os intelectuais e outros homens singulares que legaram ao espaço público, sob a forma de um arquivo pessoal, o produto (e os vestígios) de uma vida de trabalho, serão mais conhecidos e valorizados se seus papéis forem organizados e estudados com a preocupação deontológica que tal tarefa exige. Felizmente, a arquivologia parece ser, neste momento da vida sociocultural brasileira, um campo em processo de fortalecimento, se computarmos o número de cursos em universidades de primeira linha, a proliferação de congressos e seminários e, em consequência, os bons trabalhos publicados sobre o tema. A problemática específica dos arquivos pessoais, outrora negligenciada, parece ser a que mais recebeu atenção nesta última década. Entretanto, não obstante a consciência disseminada de que os arquivos, notoriamente os arquivos pessoais, constituem uma fonte única de informação, e embora esteja disponível um saber técnico, continuamente aperfeiçoado, sobre como salvaguardar, organizar e disponibilizar tais arquivos, ainda encontramos, até mesmo nos grandes centros brasileiros, situações que demandam atenção por se tratar de acervos ricos e institucionalizados mas ainda não totalmente organizados.

No caso do Acervo Frieiro, como mencionamos, a aquisição do arquivo na sua “totalidade”, juntamente com a biblioteca, com a aquiescência do próprio idealizador e arquiteto daquele, digamos assim, monumento de papel, poderia ter-se constituído numa situação extremamente favorável à integridade daquele fundo e facilitadora do processo de organização. O aspecto mais positivo foi que, ao contrário de outros casos conhecidos de doação/venda de arquivos pessoais, o de Frieiro foi repassado *in totum*, incluindo papéis de valor afetivo.

Que se saiba, do conjunto do seu arquivo pessoal, apenas os manuscritos originais do seu diário foram vendidos à Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, que publicou a parte referente ao período 1942-49 mas conservava inédita, até um ano atrás, a parte restante, 10 cadernos de anotações que cobrem as décadas de 1950 e 1960. E, aqui, um parêntese: se falamos acima em totalidade, o termo está entre aspas, já que, lembra Henry Rousso (1966), o arquivo revela, por sua própria existência, uma falta. O vestígio é, por definição, indício daquilo que foi irremediavelmente perdido.

Contudo, apesar desse aspecto positivo e da transação comercial ter sido garantida por um tratamento jurídico adequado, a instituição que acolheu o acervo não seguiu rigorosamente todos os passos que a arquivística informa para a transferência de fundos documentais privados. Pode-se pensar que o lapso entre a chegada do fundo à Academia Mineira de Letras sem a definição de uma política de preservação e organização e o início da classificação, muitos anos depois, pode já ter causado, não se sabe, algum prejuízo a tão rico acervo.

Enfim, não se trata aqui de apontar falhas, senão de motivar pesquisadores da historiografia brasileira a rever a figura e a obra de Eduardo Frieiro explorando as potencialidades do seu arquivo. E, paralelamente, esperar que as relações entre as instituições culturais com vocação para a salvaguarda de arquivos privados reforcem e aprofundem a lógica do trabalho de cooperação e complementaridade, ainda que nenhum de nós, pesquisadores da área da arquivística, desconheça as forças políticas e utilitárias que intervêm na gestão da memória.

Bibliografía

ARTIÈRES, Philippe (1998): “Arquivar a própria vida”, *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 11, (21), pp.9-34.

CASANOVA, Pascale (2002): *A República Mundial das Letras*. São Paulo, Estação Liberdade.

CARVALHO, Maria da Conceição (2008): ”*Cordialmente, Eduardo Frieiro*: fragmentos (auto)biográficos. Orientador, Maria Zilda Cury. [Tese de doutorado], Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, inédita.

DERRIDA, Jacques (2002): *Torres de Babel*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

DERRIDA, Jacques (2004): *Papel-máquina*. São Paulo, Estação Liberdade.

DE MAN, Paul (1984): *The rethoric of Romanticism*, New York: Columbia University Press.

DUCROT, Ariane (1998): “A classificação dos arquivos pessoais”, *Estudos Históricas*, v.11, (21).

FRIEIRO, Eduardo (1927): *O Clube dos Grafômanos*. Belo Horizonte, Pindorama.

FRIEIRO, Eduardo (1955): “O centauro ibérico”, *Kriterion*, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

FRIEIRO, Eduardo (1932): *A ilusão literária*. Belo Horizonte: Os amigos do livro.

FRIEIRO, Eduardo (1942): *Os livros nossos amigos*, Belo Horizonte, Itatiaia.

FRIEIRO, Eduardo (1986): *Novo Diário*, Belo Horizonte, Itatiaia.

LEÃO. Ângela Vaz (2008): “Conversando sobre Eduardo Frieiro; entrevista concedida a M. da C. Carvalho”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v.14, (.2), pp.243-53.

LUCAS, Fábio (1991): *Mineiraças*. Belo Horizonte, Oficina de Livros.

MONTAIGNE, Michel de (2000): *Ensaio*, São Paulo, Martins Fontes.

ROUSSO, Henry (1996): “O arquivo ou o indício de uma falta”, *Estudos Históricas*, v.9 (17), pp. 85-92.